

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Júlia Matravolgyi Damião

Relatório sobre o livro-reportagem:

O Reverso:

Memórias e história(s) da Hungria

Bauru

2012

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

Júlia Matravolgyi Damião

Relatório sobre o livro-reportagem:

O Reverso:

Memórias e história(s) da Hungria

Projeto Experimental apresentado à
Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação da Unesp, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo

Orientador:

Prof. Dr. Jefferson Goulart

Bauru

2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jefferson Oliveira Goulart
Departamento de Ciências Humanas
(orientador)

Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração
Convidado

Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões
Departamento de Ciências Humanas

Quando se abriu um buraco nas nuvens, me pareceu que sobrevoávamos Budapeste cortada por um rio. O Danúbio, pensei, era o Danúbio, mas não era azul, era amarelo, a cidade toda era amarela, os telhados, o asfalto, os parques, engraçado isso, uma cidade amarela, eu pensava que Budapeste fosse cinzenta, mas Budapeste era amarela.

Chico Buarque em *Budapeste: romance*.

Talvez, porém, esquecer ou lembrar tudo sejam tarefas igualmente irrealizáveis.

ALMEIDA, Marco Rodrigo. *Avó, filha e neta contam horror da guerra em Auschwitz.*

Folha de São Paulo, São Paulo, 10 de novembro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é o resultado de um sem fim de colaborações. Elas vieram na forma de depoimentos, fotos, pesquisas, sorrisos, confiança e detalhes - esses últimos, talvez os mais importantes. E é por eles que agradeço em primeiro lugar:

À minha avó, Eva, por rir de mim nas tentativas de falar húngaro e por chorar quando mostro que me lembro das músicas que me ensinou quando pequena. Obrigada pela casa sempre aberta e pelo carinho com que me contou cada palavra - esse livro é metade seu.

Ao meu avô, Ladislau (*in memorian*), e minha bisa, Nami (*in memorian*), por existirem em lembranças alegres nos corações de quem ficou. À toda a família Matravolgyi pelo carinho e pela história “emprestada”.

À minha mãe, Silvia, pelo incentivo incessante, pela correção detalhada e pelos conselhos carinhosos durante a feitura desse trabalho - e em todo o resto do tempo.

Ao meu pai, Alvaro, por temperar com amor a comida que serviu como combustível para a elaboração desse livro. E pelos gostos ao invés dos tostões no bolso.

À minha irmã, Lú, pelo riso solto de criança combinado com o olhar determinado de adulto. Você é o melhor de mim.

Ao João, pelo coração descomplicado. E pela cumplicidade.

Aos amigos da Unesp e de São José pelo amadurecimento compartilhado e pelo carinho constante. Aos que leram esse trabalho antes da hora e dedicaram seu tempo a pequenos comentários que trouxeram bom-senso ao resultado.

Agradeço também as correções e o interesse do professor Jefferson Goulart e os inúmeros livros, revistas e depoimentos carinhosamente concedidos pela Comunidade Húngara de São Paulo, especialmente Sr. Laszlo Kapos, Sra. Alinka Lepine, Sra. Lizi e seu filho Lorant Tirczka e Sr. Szabolcs Fejer.

Por fim, a todos que, de alguma forma, incentivaram a viagem que construiu esse livro.
Köszönöm!

SUMÁRIO

Resumo 8

Tema e Problematização 9

Justificativa 14

Objetivos 18

Metodologia 20

Referencial Teórico 23

Desenvolvimento do Produto 51

Cronograma de Execução 61

Bibliografia 62

RESUMO

Segundo o historiador Eric Hobsbawm (1994, p.14), “Os acontecimentos públicos são parte da textura de nossas vidas. Eles não são apenas marcos em nossas vidas privadas, mas aquilo que formou nossas vidas, tanto privadas quanto públicas”. Através de características que são próprias do jornalismo e da literatura, o presente trabalho visa assinalar essa estreita relação entre a história pública e a memória privada com base no relato de uma personagem. Pretende-se representá-la como uma metonímia de seu tempo e, justamente por isso, tratar suas recordações pessoais como retrato de uma época. A personagem escolhida nasceu na Hungria, em 1933 e carrega em sua trajetória três principais momentos de tensão: o Holocausto, o domínio da União Soviética quando a Hungria foi englobada à parte oriental da Cortina de Ferro e, posteriormente, a imigração de sua família para o Brasil, como forma de escapar da realidade do leste europeu. Fazendo uso de técnicas narrativas próprias do jornalismo literário e explorando a pesquisa histórica que parte dos três momentos de tensão citados acima, constituiu-se um estudo que parte de depoimentos e da memória de seus principais personagens. O produto elaborado visa trazer à tona uma história que se aproxime do leitor por seu caráter humanizado, mas que também permita a reflexão e a aproximação da história da humanidade durante algumas décadas da metade do século XX através da narração do enlace entre o passado individual e o coletivo.

Palavras-chave: Memória, história, livro-reportagem, depoimentos, Budapeste, Hungria.

1. TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO

1.1. História

“História é a ciência dos homens no tempo” (Bloch, 1957, p.26 apud Delgado, 2006, p. 41). Tão polissêmicas quanto o termo que procuram definir, as concepções sobre a história e sua importância se tornaram mais dinâmicas e profundas ao longo dos anos.

Desde que o homem passou a viver em sociedade, a história se traduz e se consolida de infinitas formas: seja na maneira em que sentamos à mesa para comer, na forma que vemos o outro, na organização das cidades, nos períodos de guerra, nas festas tradicionais e em inúmeros outros exemplos. As implicações da vida em grupo se multiplicam todos os dias ao redor do mundo. À história, a “ciência dos homens tempo”, cabe transmitir o que foi vivido para as futuras gerações.

Em “História, Verdade e Tempo”, Estevão Rezende (apud Salomon 2011, p.50) define a história como um termo que possui diferentes definições. “Usa-se *história* para designar: (1) o processo temporal do agir racional humano como um todo (2) A especialidade cognitiva e epistemológica da ciência histórica (3) Os produtos dessa especialidade, também chamados historiografia”.

Sendo assim, a vida em grupo implica em acontecimentos coletivos que podem se dar de diferentes formas, desde a produção de um aspecto cultural que represente um grupo, até um conflito armado que marque uma geração.

Os acontecimentos chamados de “coletivos” são aqueles que trazem implicações às trajetórias individuais, o que pode acontecer de forma direta, quando um evento trás uma consequência sem intermediações (ex. a morte de um parente num conflito armado) ou de forma paralela, quando o evento transforma a vida de seus contemporâneos, ainda que estes não estejam diretamente inseridos no epicentro da questão (ex. Eric Hobsbawm (1994, p.13), na obra A Era dos Extremos, conta que o dia em que Hitler tornou-se o chanceler da Alemanha para ele também era a data em que ele lembra-se de voltar da escola ao lado da irmã mais nova e ler essa notícia na manchete em um jornal).

Sobre esses eventos, o próprio autor afirma “Os acontecimentos públicos são parte da textura de nossas vidas. Eles não são apenas marcos em nossas vidas privadas, mas aquilo que formou nossas vidas, tanto privadas quanto públicas” (1994, p.14).

Além da característica da preservação daquilo que é coletivo, a história também possui particularidades filosóficas, com grande valor para gerar conhecimento e reflexão para as futuras gerações.

“A história fornece símbolos e conceitos para que a sociedade pense sobre si mesma e sobre sua relação com o passado”, afirma Lucília de Almeida Neves Delgado (2006, p.20).

Um terceiro motivo da análise da vida em sociedade através dos anos seria a construção da identidade, a identificação de um passado coletivo, um denominador que aproximaria determinado grupo de pessoas. Sobre esse assunto seria possível escrever um trabalho inteiro, por isso nesse caso, delimitaremos sua aparição à citação do mesmo como uma das consequências/benefícios advindos do estudo histórico.

O presente trabalho se vale dessas características da história em busca de resgatar e se aprofundar numa narrativa ocorrida durante algumas décadas do século XX – seria válido repensar os paradigmas existentes sobre a época. Um dos principais eixos para o resgate do tempo passado são os depoimentos, baseados na memória dos sobreviventes sobre eventos de grande apelo na história coletiva. A memória aqui destacada não é da elite ou dos refugiados, mas sim dos cidadãos comuns, que representam as massas, ou seja, “novas versões para processos já analisados e conhecidos”, como diz Delgado (2006, p.19).

Parte da consciência do passado, um ponto de partida para análise de acontecimentos de contexto mundial, partindo do ponto de vista de grupos maiores e menores, e das identidades coletivas, está fundamentada na memória. As lembranças, relatos, livros, conversas, entre outras formas de transmissão do conhecimento, sejam orais ou escritas, constituem a consciência dos acontecimentos. “Tempo e espaço têm na memória sua salvação”, conceitua Delgado (2006, p.37).

1.2. Memória

Uma das formas de reconstruir o passado público é através da união de memórias individuais.

Muitos autores já discorreram sobre a importância da memória (e conseqüentemente da história oral e dos depoimentos), destacando suas principais características e ambivalências. No capítulo “Memória, significado e relações”, presente na obra “História oral: memória tempo e identidade”, o autor cita Julio Pimentel Pinto (2006, p.37) afirma que “a memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado”.

A intenção aqui não é defender o valor da memória ou questionar sua possível ficcionalidade, e sim explorar determinadas características para entender sua funcionalidade para a elaboração de produtos como o livro-reportagem proposto por esse trabalho.

A memória, portanto, seria um “gancho”, sujeito à dinâmica do tempo e à transformação dos personagens, mas invariavelmente uma ponte de ligação entre aquilo que vivemos no passado e a situação presente. Segundo os autores estudados, ela seria a responsável pelo resgate daquilo que foi vivido individual e coletivamente.

Justamente por precisar do passado e do contemporâneo para existir, a memória é capaz de cruzar os dois tempos vividos, atualizando o passado e tornando-o “vivo e pleno de significados no presente”, segundo Delgado (2006, p.38).

Por ser tão plena de significados, a memória não se deduz ao simples ato de recordar. Ela também é capaz de revelar traços identitários, garantindo que as pessoas reconheçam suas raízes e desenvolvam o sentimento de pertencer a um lugar/grupo. Integrando antigas narrativas ao cotidiano, a memória é capaz de, segundo Delgado:

O conceito de memória não é homogêneo e conforma-se por múltiplos significados, entre os quais se destacam: ordenação e releitura dos vestígios (espontânea ou induzida) relacionada a comportamentos, mentalidades, valores (...), afirmação de identidades através do reconhecimento da pluralidade e da

alteridade, que conformam a vida em fluxo contínuo, (...) reflexão sobre a experiência individual de vida, relacionando-a as experiências coletivas, ou seja, aos conteúdos históricos sociais. (DELGADO, p.39).

Foi a partir da fusão entre essas duas fontes de resgate do passado, a história, como resultado de pesquisas sobre um e a memória, que através de suas imperfeições é uma das principais pontes existentes entre passado e presente, surgiu a ideia de buscar as informações que resultaram na produção de *O Reverso – memórias e história(s) da Hungria*.

Somadas essas qualidades da história e da memória, seria a história pessoal uma boa forma de contar a história coletiva em um período dramático? Seria a memória, apesar de sua dependência do passado e do presente para se manter viva, uma boa fonte de resgate para reconstituir o passado?

O projeto teve como proposta a elaboração de um livro-reportagem sobre parte da história do século XX, focado nas grandes tragédias ocorridas entre 1930 e 1960. O período seria narrado tendo como base a história de uma personagem anônima que vivenciou – e teve sua vida transformada por – alguns dos principais eventos do período já citado. Essa personagem é Eva Matravolgyi, a avó materna da autora.

Descrevendo a época escolhida através de uma visão pessoal, pretendeu-se narrar uma jornada coletiva: a história da personagem anônima se assemelharia a muitas outras, que acabariam por transmitir uma visão do período como um todo. Através de uma visão humanizada, intenciona-se aproximar o leitor do ocorrido e, por consequência, sensibilizá-lo quanto à história da humanidade e a importância de que ela seja valorizada.

Da história tem-se a “textura” daquilo que é coletivo e tem influência direta sobre o individual. Além disso, as peculiaridades filosóficas e a capacidade de gerar reflexão sobre a responsabilidade de cada indivíduo sobre o curso de acontecimentos de maior ou menor importância fazem do estudo do passado um ramo sem limitações à sua exploração, ou seja, novos pontos de vista propostos sobre determinado tema, invariavelmente tem a capacidade de agregar conteúdo ao mesmo.

Além disso, a partir da escolha de uma personagem principal para embasar o estudo, decorrem outras singularidades que agregam valor ao produto apresentado: a história da Hungria, pouco explorada pela literatura em português (história esta que, em maior ou menor escala, dado o recorte escolhido, é também uma representação da história da URSS e da Guerra Fria).

O produto também tem características da história individual quando inserida em um contexto de influência coletiva – e busca entender a relação entre ambas. Seria possível narrar uma história individual sem narrar o contexto em que ela está inserida? Como se dá a relação entre o todo e o individual?

2. JUSTIFICATIVA

“Será que - como se fosse ainda o guerreiro em movimento ou solitário pastor, nas estepes antigas do Pamir (...) em o versar de seu idioma o magiar ficou sempre nômade.” (Guimarães Rosa, no prefácio de Antologia do Conto Húngaro, 1958)

Esse trabalho possui muitas justificativas. A primeira delas, tanto pessoal quanto profissional (como neta da personagem e futura jornalista), é evitar que a história que pode ser contada por suas fontes primárias se perca no tempo.

A intenção é que a narrativa chegue ao leitor como o menor número possível de filtros. Para isso, parte-se da premissa de que o fato narrado por suas fontes primárias, além de maior carga emocional e de detalhes, carrega também uma proximidade maior com a realidade vivenciada.

Sabe-se, no entanto, que é impossível uma narrativa como esta exista sem a presença de filtros, que são características próprias da atividade jornalística (uma vez que a própria seleção dos temas usados e das palavras escolhidas para narrar um fato são totalmente dependentes da interpretação do autor). A existência de tais “filtros” no produto resultante é intrínseca à atividade do jornalista como afirma Ricardo Noblat em “A arte de fazer um jornal diário” (2002, p.51): “Cabe ao repórter perseguir a verdade. Não existe verdade absoluta. Nem uma única verdade. Dois repórteres que testemunhem o mesmo fato poderão narrá-lo de forma diferente”.

O produto concebido nesse trabalho carrega características tanto de romance quanto de reportagem, dada a pesquisa factual necessária à sua elaboração, mas passou por dois crivos principais antes estar disponível para a interpretação do leitor: a memória e a escrita. A memória, por si só, é carregada de imperfeições, uma vez que a ponte que faz entre passado e presente é inteiramente dependente desses dois momentos na vida da fonte. Da mesma forma, a escrita está diretamente ligada às escolhas de seu autor.

O jornalismo não apenas reproduz os acontecimentos, registrando-os, disseminando-os para a população. Na verdade, essa ação realiza-se carregada de uma intenção, de uma complexa rede de fatores que condicionam a maneira como a notícia ou a reportagem “enxerga” o mundo. (...) Não existe objetividade jornalística, então. Fiquemos bem claros disso. (LIMA, 1998, p. 11)

Partindo, portanto, da premissa de que o recontar de histórias uma atividade que faz os acontecimentos transcenderem vários filtros até atingirem a o leitor (sendo a própria memória do sujeito que relata os fatos o primeiro deles) a intenção do presente trabalho é estreitar a relação entre a história que é contada e seu leitor.

A segunda motivação para a realização desse trabalho é a possibilidade de inter-relacionar histórias individuais e coletivas – levando assim à reflexão sobre o passado. As narrativas pessoais, apesar de trazerem como denominador comum à textura coletiva citada por Eric Hobsbawm (1994, p.14), possuem particularidades que, influenciadas direta ou indiretamente pelos acontecimentos sociais, seguem um roteiro próprio. A intenção ao narrar à história do cidadão, base do presente trabalho, é dar voz a um relato que vive apenas junto a seu interlocutor.

Da história particular e seus enlaces com o passado coletivo decorrem as qualidades do estudo da história e da memória supracitados: uma narrativa é também uma fonte de preservação daquilo que é comum, e sua leitura leva a uma possível reflexão por parte das futuras gerações – ver a influência do coletivo sobre o individual e vice-versa pode resultar na ciência, por parte do leitor, de sua responsabilidade sobre o curso dos acontecimentos coletivos.

Lucila de Almeida Neves Delgado (2006, p.19) ainda elenca entre as principais razões para a valorização e o constante estudo da história: “revelar novos campos e temas para a pesquisa; apresentar novas hipóteses e versões para processos já analisados e conhecidos (...) possibilitar a associação entre acontecimentos da vida pública e da vida privada; possibilitar o registro de versões alternativas a história predominante”.

Além dos motivos já citados, entende-se que uma nova abordagem pode reavivar o interesse de diferentes gerações sobre a memória histórica.

A memória histórica já não está viva. A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca no final do segundo milênio. (...) Somos parte desse século. E ele é parte de nós. (HOBSBAWM, 1995, p. 13)

Como afirma Hobsbawm no trecho supracitado, muitas pessoas, especialmente os jovens, vivem numa espécie de “presente contínuo”, e o estudo do passado já não é visto como primordial. A memória histórica não é mais valorizada, por vezes vive apenas como uma obrigação, algo distante, ultrapassado, restrito. Supõe-se que a história pessoal e a possibilidade de identificação com certos personagens podem contribuir para que as pessoas se interessem pelo conhecimento histórico.

A intenção é proporcionar um ponto de vista detalhado e humanizado sobre determinado momento da história, que seria um contraponto à visão meramente descritiva.

É possível focalizar cada um dos obstáculos vivenciados por Eva: no caso do judaísmo e da conversão ao catolicismo, por exemplo, espera-se que, relatando o embate pessoal da personagem (deveria assumir essa identidade, tão rejeitada pelo regime vigente, ou assumi-la?), o leitor se sinta mais próximo do debate.

A partir do século XX já é possível ser ou deixar de ser judeu. Ainda segundo Mezan (1995:62) “Ser judeu ou não é algo que concerne à identificação” (...). Significa que anteriormente o judeu não tinha a liberdade de decidir individualmente sua pertinencia (VERO, 2003, p.79).

O tema é interessante e adequado para o Trabalho de Conclusão de Curso de um aluno de jornalismo, pois permite o aprimoramento de habilidades desenvolvidas durante o curso: pesquisa de documentos e apuração como um todo, realização de entrevistas, levantamento e seleção de fontes, edição de texto, estudo sobre a estrutura do texto, bem como sobre a elaboração de livros-reportagem, além do estudo sociológico sobre um período do passado.

3. OBJETIVOS:

O livro-reportagem *O Reverso: Memórias e histórias da Hungria* foi elaborado através do relato de uma personagem principal, Eva Matravolgyi, que busca ser um retrato da mulher de seu tempo, em seu país. Sua história não se destaca por alguma particularidade, mas por ser similar a muitas outras e, conseqüentemente, uma metonímia do cidadão em determinado período histórico.

Através da narrativa que ora se foca em aspectos pessoais (conflitos internos, religião, casamento, relações familiares), ora em dimensões coletivas (guerras, situação política e econômica de um país, aspectos da cidade), pretende-se retratar uma época.

No caso de *O Reverso* essa época seria o período entre as décadas de 1930 e 1960. A história se passa majoritariamente na Hungria.

Um dos objetivos desse trabalho, portanto, é divulgação da história da Hungria como consequência da história de Eva. Em São Paulo e no sul do Brasil existem muitos imigrantes advindos do país, embora a literatura produzida sobre sua história em português ainda seja escassa. A valorização da memória do país também seria a valorização do passado de seus descendentes. O livro-reportagem, através de uma abordagem mais leve e, por que não, “romanceada” dos fatos, seria capaz de atrair a atenção daqueles que não se sentem diretamente ligados ao passado coletivo.

Um dos entrevistados para a elaboração desse trabalho, o fundador da Casa Húngara de São Paulo, o Sr. Lászlo Kapos, passou por duas Guerras Mundiais e trabalhou com diplomacia húngara durante o período da dominação soviética – hoje, ele tem 93 anos e é um dos membros mais velhos dessa comunidade. No entanto, depois de quase duas horas em que conversamos sobre sua vida (que mais se parece uma aula de história), faz questão de dizer que o tema não é tão interessante. “Nem meus netos têm paciência de ouvir”, conclui.

Quando tentou contar para a terceira geração dos Kapos o que vivera na Guerra, ouviu deles o quão entediante eram aquelas cenas deprimentes. “Mas se quiser contar sobre o Safári, vovô, pode contar!” – a nova geração prefere ouvir sobre outras

aventuras. A proposta do presente trabalho é que, com o enlace do pessoal e do coletivo, essas “aventuras” do passado se tornem interessantes aos olhos das novas gerações.

Outra intenção do trabalho, mais abrangente, é a valorização da memória histórica através de um livro que mostre a relação intrínseca entre aquilo que é pessoal e o que é coletivo.

Se, como foi dito inicialmente, a história tem as qualidades de preservar a memória coletiva e trazer a reflexão sobre o passado para o presente, trazendo a consciência da responsabilidade individual sobre o curso dos acontecimentos comuns, a narrativa constituída durante esse trabalho também seria responsável por cumprir esse papel.

A narrativa individual inserida no contexto histórico tem propósito é o de evitar que o ser humano – bem como toda a sociedade – percam suas referências fundamentais para a construção de identidades coletivas, tornam o homem ciente de sua responsabilidade sob o curso dos acontecimentos, dadas as proporções de espaço e tempo.

Estar ciente dos acontecimentos seria o ponto de partida para refletir sobre eles, suas causas, consequências e sua relação com aquilo que é atual. Seria a base para a evolução do pensamento social e para a estruturação da sociedade como um todo. A reflexão sobre o passado e a valorização do mesmo como aspecto coletivo estão entre as principais qualidades do estudo histórico.

4. METODOLOGIA

De forma a buscar um resultado coeso, historicamente consistente e, principalmente, esteticamente atraente para os leitores, esse trabalho partiu de uma pesquisa histórica e passou por uma fase de seleção dos entrevistados e dos depoimentos dos mesmos. Por fim, a partir do material gerado por essa pesquisa, foi concebido o produto final, que pretende utilizar categorias literárias para a construção de um texto jornalístico.

4.1. Coleta de Dados

A coleta de dados teve início em 2011, com uma visita a cidade de Budapeste, capital da Hungria. A partir da análise de como a cidade se relaciona com seu passado, seus antecedentes políticos e, principalmente, como as grandes tragédias do século XX transformaram o futuro de grande parte da população que lá vive atualmente, buscou-se entender a relevância do que aconteceu no país durante o século XX.

A partir de uma aproximação emocional do tema e da curiosidade de entender o passado daquele país, foi feita a escolha pelo assunto que motivou este trabalho.

Inicialmente realizou-se um estudo de caso, com base na Budapeste atual, no passado da Hungria e na comunidade húngara que hoje vive em São Paulo. A intenção era descobrir se os dados disponíveis seriam suficientes para compor a obra pretendida.

Posteriormente foi realizada uma seleção dos possíveis entrevistados: quem eram as pessoas que se relacionariam diretamente com um dos três eixos temáticos principais – o Holocausto, a invasão soviética no leste europeu durante a Guerra Fria, e a imigração?

Além disso, fez-se necessária uma aproximação entre a autora e sua avó – até onde cada uma estava disposta a ir para narrar as memórias da família? Desde o início, ambas concordaram não havia problemas em explorar o assunto.

De fato a bibliografia existente em português sobre o período que se pretendia retratar não é tão completa como talvez seja o estudo histórico produzido sobre histórias ideologicamente (e, por que não, geograficamente) mais próximas ao Brasil.

Em um primeiro momento, a aproximação da Comunidade Húngara de São Paulo foi essencial – lá, além de pessoas dispostas a narrar suas histórias, também foi encontrado muito material que já não se acha em livrarias, ou textos dos quais se sentiria falta em um período mais adiantado da pesquisa. Eram livros antigos, periódicos que já não são veiculados e obras de valor para aqueles que se depararam com elas como imigrantes recém chegados a uma nova terra.

Com a ajuda dos senhores e senhoras que frequentam a Casa Húngara, a quantidade de material reunido sobre o passado da “Magyarország” (como os húngaros chamam a própria terra) foi o suficiente para fundamentar o estudo que antecedeu a elaboração desse trabalho.

4.2. Métodos de abordagem do tema

Através das leituras sobre o passado do país, foi possível estabelecer uma visão crítica dos depoimentos concedidos a partir de então. É compreensível que a memória, como qualquer outro aspecto das relações humanas, seja repleta de imperfeições – lembramos de alguns fatos da maneira que gostaríamos que eles tivessem acontecido. Além disso, visto que precisa de passado e presente para existir, a memória não deixa de ser influenciada por características de ambos.

FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI (2000) garantem que tempo e memória seriam elementos de um único processo “são pontes de ligação, elos de corrente, que integram as múltiplas extensões da temporalidade em movimento” (2000, p.162).

Dessa maneira, a leitura prévia sobre a história da Hungria permitiu tanto a elaboração das perguntas feitas à Eva e aos demais imigrantes, como uma visão crítica sobre o conteúdo fornecido por todos durante as entrevistas realizadas para a elaboração desse trabalho.

A partir da elaboração de uma lista com mais de 30 pessoas que poderiam contribuir para a realização da obra proposta, foram contatados os entrevistados e agendadas as entrevistas.

Paralelamente, uma série de entrevistas (organizadas de forma cronológica) foram realizadas com a personagem principal, Eva Matravolgyi. A proposta, desde o início, era deixar que a personagem elaborasse suas descrições sem muito direcionamento, para que não se sentisse impelida a caracterizar as situações de acordo com o direcionamento das questões. Também foram priorizadas as caracterizações de locais e personagens.

Dessa forma, o método foi dividido em três momentos principais: no primeiro, foram realizadas pesquisas sobre o tema (sua viabilidade e a melhor maneira para que fosse abordado), além da seleção dos dados mais relevantes no que se refere ao passado coletivo. Posteriormente, seguiu-se uma etapa de entrevistas com a personagem Eva, seus familiares, amigos, e toda a comunidade húngara atuante no Brasil – a partir desses foi traçado um roteiro para abordar a história particular. Posteriormente, se deu a escolha do estilo narrativo, a divisão de capítulos e finalmente, a construção do texto.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Para a elaboração de *O Reverso* buscou-se uma estrutura textual que pudesse dar conta de diversos aspectos intrínsecos à narrativa, dados os elementos dos quais se dispunha para sua realização.

A intenção, desde o início, foi mostrar o enlace entre o coletivo e o individual – para tal, o texto necessitaria dar margem tanto para a pesquisa realizada a partir de documentos e livros, que buscasse ao máximo aproximar o resultado da realidade vivida, quanto a aspectos psicológicos e eventos pessoais, que revelassem a vida dos personagens por um viés humanizado.

A partir dessas premissas, entendeu-se que seriam necessárias características advindas tanto da literatura quanto do fazer jornalístico para compor o texto pretendido.

5.1. A literatura e o fazer jornalístico

Muito já foi dito para caracterizar a possível fusão entre literatura e jornalismo. Em “Jornalistas Literários”, um copilado de histórias de novos autores brasileiros, Fabio Lucas é responsável por um dos textos que abrem o livro e discorre sobre algumas das diferenças que caracterizam cada função:

O jornalista opera nos limites do escritor, na medida em que ambos lidam com a força comunicativa da palavra escrita. Mas o escritor o faz de maneira intensiva, com o propósito estético. O mesmo propósito pode estar no íntimo do jornalista, mas este é mais assediado pelo objetivo pragmático da empresa a que está ligado. (Lucas apud Vilas Boas, 2007, p.5).

Existem também algumas semelhanças os discursos produzidos por ambos os profissionais, que permitiriam que suas características, agregadas, dessem vazão a um texto de se prestasse a narrar um determinado tipo de acontecimento – gerando um

resultado que une as particularidades de cada gênero e ainda sim possui singularidades. Sérgio Vilas Boas responsável pela introdução da mesma obra, conceitua:

Esse casamento se chama Jornalismo Literário, definido por Edvaldo Pereira Lima como “reportagem ou ensaio em profundidade, nos quais se utilizam recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura”. Em comunhão de bens (...) os métodos de reportar (jornalísticos) e as técnicas de expressão (literária) formam um par prolífico. (Vilas Boas, 2007, p. 8).

Apesar da importância da discussão aprofundada do tema, é necessário ressaltar que as similaridades e dicotomias entre jornalismo e literatura, aliadas à possibilidade de um fazer literário que agregue as características da reportagem, (e sobre como caracterizá-lo e nomeá-lo) já foram assunto de discussão entre muitos autores da área. Aqui, de fato, nos interessam as características de cada texto que, justapostas, estão apresentadas no produto deste trabalho – gerando um resultado com características singulares graças a esse enlace.

Esse resultado, para alguns autores pode ser intitulado livro-reportagem ou romance de não ficção.

Sobre a fusão de jornalismo e literatura, e suas características de maior destaque, para o resultado da união, Vilas Boas, na análise que compõe “Biografias e Biógrafos” afirmou:

Os fatos podem ser concretos ou perenes, mas a veracidade e a verossimilhança são primordiais; no que se refere à linguagem, o livro-reportagem apresenta-se como jornalístico, mas acomoda outros recursos, (literários, por exemplo); a função de informar e interpretar pode (e deve) revestir-se de investigações e percepções pluridimensionais. (Vilas Boas, 2002, p.78).

Ainda sobre aspectos narrativos do livro-reportagem, Vilas Boas conceitua:

O livro-reportagem é um trabalho autoral, em que o criador procura manter seu leitor provido de meios para compreender o seu tempo, as causas e as origens dos fenômenos que presencia (Vilas Boas, 2002, p.79).

Para Bulhões, na obra “Jornalismo e literatura em convergência” (2007) alguns aspectos podem ser destacados como fatores de convergência entre os gêneros jornalístico e literário, são eles: a narratividade, uma vez que ambos contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, a temporalidade e, por fim, o fato de ambos serem “expedientes de conhecimento do mundo”, ainda que um tenha um viés mais alegórico e imaginativo, enquanto o outro preze por uma apuração mais voltada à realidade.

É necessário, também, dizer que, apesar de ambos proverem características necessárias a narrativa de um “romance de não ficção”, ou seja, a narrativa baseada na apuração, o jornalismo e a literatura carregam também diferenças essenciais.

Também em “Jornalismo e Literatura em Convergência”, Bulhões traz um breve histórico que facilita a compreensão dessa dicotomia: enquanto a literatura tornou-se mais plural através dos anos, o jornalismo ainda carrega certo engessamento em sua atividade.

A natureza essencialmente pragmática e utilitarista do jornalismo aponta para uma realização formal que atende a necessidades muito prementes de eficácia comunicativa, identificadas com a demanda por informação ou opinião provenientes do interesse do grande público. Daí a tendência à fossilização formal dos gêneros, à padronização de seus traços, ao aspecto viciado e repetitivo de sua fisionomia textual (Bulhões, 2007, p.39).

5.2. O jornalista, a fonte e o livro-reportagem

A pressa, tão presente no jornalismo diário, o famoso *hard news*, que visa garantir a agilidade na divulgação da notícia, é um elemento ausente na elaboração do livro reportagem – do jornalismo, ele leva a preocupação com a apuração e com o factual.

Talvez “ausente” seja forte demais, uma vez que seria utópico afirmar a existência de um mundo sem prazos. O livro-reportagem possui prazos, mas se comparados aos do jornalismo diário, possibilitam uma maior preparação do texto final. No caso do jornalismo literário é possível afirmar que o tempo de entrevista e maturação do envolvimento com a fonte é crucial para a compreensão de fatores que dão propriedade ao autor do livro-reportagem.

Sobre esse envolvimento, segundo Eliane Brum (2008), um dos destaques da produção desse tipo de conteúdo entre os autores brasileiros da atualidade, declara sobre a própria experiência:

É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio. (BRUM, 2008, p.191).

Esse tempo de maturação do envolvimento com a fonte foi essencial para a elaboração de *O Reverso*, uma vez que, para retratar alguns fatos da vida pessoal de Eva, ela era a única fonte disponível para falar sobre o tema. Assim, fez-se necessária uma grande proximidade, que permitisse (ao menos uma tentativa) de interpretar seus silêncios e sua visão sobre os demais envolvidos na história.

Ainda sobre a própria experiência no que diz respeito ao envolvimento entre autor, fontes e o tempo necessário ao desenvolvimento da matéria, tão característico do livro-reportagem, Brum escreveu:

E em geral é assim mesmo: eu escrevo primeiro dentro de mim, ao longo dos dias de apuração, quando estou acordada e quando estou dormindo. Costumo dizer que fico grávida da matéria, o que altera meu humor e meu metabolismo. Não é fácil me aguentar dentro de casa nesses dias de gestação de reportagem. Fico quieta, sorumbática. Passo uma semana num asilo ou vinte dias no meio do mato e quando volto não conto nada. Respondo às perguntas que me fazem com um olhar vago. Só consigo falar depois do parto do texto. Um comportamento encantador para quem convive comigo, como se pode imaginar (Brum, 2008, p.127).

5.3. Hungria: um Panorama Histórico até 1956

Toda história é feita de altos e baixos. Se as pessoas passam por momentos bons e ruins, a trajetória dos países também não poderia deixar de passar por situações mais e menos favoráveis. Sobre a Hungria, país abordado nesse trabalho, pode-se afirmar, sem exagero, que a história é composta por mais momentos que se quer esquecer do que aqueles que se deseja lembrar.

Para relatar integralmente história do país é preciso voltar ao ano 1000 antes de Cristo. Para os objetivos propostos nesse trabalho, no entanto, toda a “biografia” do pequeno território no leste da Europa não é necessária. A proposta é abordar apenas os pontos mais importantes para que o leitor possa compreender as razões que levaram a história a tomar o curso que tomou.

Saber, ainda que em suma, o que aconteceu no país ao longo dos anos também facilita a compreensão da trajetória dos personagens em particular. Esse aspecto é fundamental, uma vez que o tema foi escolhido justamente por seu caráter histórico, no qual particular e coletivo se fundem no curso de cada vida.

Sabe-se que ao longo dos anos a Hungria passou por vários períodos de dominação externa. Para que possamos compreender as invasões sofridas, a história precisa da ajuda da geografia: ao sul do país está a região denominada de Balcãs, formada pela Sérvia, Croácia, Bulgária (e outros países do sudeste da Europa). A Hungria se encontra num território conhecido como “Bacia dos Cárpatos”, por causa dos Montes Cárpatos, a segunda cadeia de montanhas mais extensa da Europa, que começa na Eslováquia, segue para o leste e desce em direção à Ucrânia e termina no sudoeste da Transilvânia (oeste da Romênia).

Abaixo está um mapa do país, que permite uma melhor visualização de suas fronteiras, sua localização no globo e suas dimensões.



Figura 1: Mapa da Hungria e países que fazem fronteira, com destaque para o curso do Rio Danúbio.

Esses detalhes geográficos foram detalhados para explicar que há um arco envolvendo o país na forma de um “C”, que impediu que certas invasões acontecessem vindas do leste por motivos físicos.

Outra característica física indispensável à compreensão da história da Hungria localiza-se em sua parte central, formada por uma planície banhada por dois rios dos quais é comum ouvir-se falar (quem não conhece, provavelmente irá familiarizar-se a partir da leitura desse trabalho): o Danúbio, que corta a capital, e o Tisza.

Se o país ocupa uma região que passou boa parte de sua história dividida devido a diferentes influências, a geografia da capital húngara também apresenta aspectos

distintos entre si: Budapeste é na verdade a união de Buda, parte ocidental da capital, mais estreita e cheia de morros, e Peste, plana e vasta, onde está o famoso parlamento húngaro. A planície de Peste continua em direção ao sul, acompanhando o curso do Danúbio. Essa é a parte do território mais vulnerável às invasões.

Voltemos, portanto, ao ano 1000 a.C. apenas para contar que a trajetória da Hungria teve origem quando os ilírios, considerados um povo indo-europeu, se estabeleceram na parte ocidental da península balcânica e logo se expandiram pela região do baixo e médio Danúbio. Os historiadores consideram que, provavelmente, estes foram os primeiros habitantes desse território.

Como já foi citado, as invasões também não são exclusividade do século XXI. Desde que os primeiros povos se estabeleceram no território que mais tarde se tornaria a Hungria, ele conheceu todo o tipo de imposição, como enfatiza Lenildo Pessoa, em sua obra sobre a Revolução Popular:

O país conheceu a invasão de tribos celtas, a dominação das águias romanas, e as incursões dos godos, dos hunos, dos ávaros (...) e de outros bárbaros germânicos, até que no fim do século IX depois de Cristo, chegaram à região os magiães, que foram os primeiros a organizar o território húngaro num único Estado. (PESSOA, 1966, p.1).

Até hoje é assim que os húngaros se reconhecem: pode ser que no resto do mundo os denominem Hungria ou Hungary (caso dos norte americano), mas para eles mesmos o país se chama “Magyarország”, ou seja, a terra dos “magyar”. Sobre o tema, a Eva Piller escreveu, com o apoio da Casa Húngara de São Paulo:

Os húngaros vêm de duas raízes: fino-ugórica e turca, que se uniram por volta dos anos do nascimento de Cristo. Seu idioma também deriva destes dois idiomas antigos. Os povos parentes dos húngaros na Europa são os finlandeses e os estonianos. Estudos mais recentes demonstram que uma parte dos húngaros já chegou à bacia dos Cárpatos, por volta de 670. Os

historiadores denominam este fato de "a primeira conquista da pátria". (PILLER, 2004, p.1)

O reino dos Magiares durou um milênio. Durante os séculos seguintes, seguiu-se um longo período de ocupação de diversos povos nômades, até que no ano 1000 d.C., o rei Estevão I (grande herói dos húngaros até hoje) fundou o reino da Hungria.

Piller enfatiza a prosperidade que o país tinha até então, e a destruição causada pela força dos Otomanos durante os anos seguintes:

Nos primeiros 500 anos de sua história, a Hungria foi um dos países mais estáveis da Europa, apesar das invasões dos mongóis e da luta contra os otomanos. Quando da morte do Rei Mathias, a população da Hungria era de 4 milhões de habitantes, o mesmo número de habitantes da Inglaterra na época. A virada viria com os 150 anos de ocupação da Hungria pelos turcos otomanos. (PILLER, 2004, p.2)

No século XIV, os Otomanos começaram a dar indícios do poder que desejavam estabelecer na região. Iniciaram, então, a invasão da Sérvia e, dois anos mais tarde, já tinham aniquilado o exército do país junto ao rei. Essa foi a porta de entrada para que, quase um século mais tarde, conseguissem derrubar Constantinopla, capital do Império Bizantino, e rebatizá-la como Istambul. A tomada de Constantinopla e a liquidação do Império Bizantino teve importância capital para as pretensões muçulmanas, pois escancarou as portas da Europa*.



A figura 2 ilustra por que podemos dizer que a conquista de Constantinopla foi a porta de entrada para os Otomanos na Europa.

Os otomanos seguem em sua tentativa de dominar a Europa até que, em 1526 o exército Húngaro finalmente é derrotado. Nas décadas seguintes eles se instalaram na capital, transformando Buda em seu centro administrativo. A ocupação por parte dos turcos durou 150 anos, trazendo consequências para o país até mesmo durante as guerras mundiais que ocorreram quase 4 séculos depois.

A partir do século XV a Europa passou por grandes transformações, principalmente de cunho tecnológico, econômico e social: divulgação de ideias, separação entre Estado e Igreja, criação das universidades, descobertas no ramo da astronomia, entre outros. Entretanto, diferentemente do resto do continente, o Império Otomano não acompanhou esses impulsos e aos poucos, caminhou para a estagnação e posterior decadência.

Os Habsburgos, dinastia na época comandava a casa real austríaca, foram os primeiros a derrotar os turcos quando estes voltam a pressionar a região de Viena. Após esse episódio, notando o enfraquecimento dos muçulmanos, os Habsburgos começam a lutar para se livrar do “incômodo” que estes representavam. Em 1686, um exército Habsburgo finalmente reconquista Buda. O Príncipe Eugênio de Savoya liderou boa parte do exército vindo da Áustria até a completa expulsão dos turcos do território húngaro, e até hoje é visto como um “libertador” por sua atuação no período.

No entanto, para os húngaros isso significou apenas a troca do poder dominante e desde então, seguiu-se a dominação por parte dos Habsburgos, que só teve fim após a Primeira Guerra Mundial. A supremacia dos austríacos, que tinham a Hungria apenas como uma extensão de seu território, começou a ser abalada a partir da segunda metade do século XIX, quando derrotas em batalhas contra a Prússia mostraram que a Áustria deveria valorizar sua proximidade com os húngaros, ou seu império poderia ruir. Sobre isso, Piller destaca:

Da data da libertação de Buda até o fim da 1ª Guerra Mundial, os Imperadores Habsburgos também foram reis dos húngaros. O principal objetivo destes soberanos, com a exceção de alguns mais esclarecidos, era defender os interesses da Áustria, mas acima de tudo, os interesses da Casa Real Habsburgo. (PILLER, 2004, p.2)

Nesse período, uma conjunção de fatores colaborou para que os austríacos construíssem uma relação mais igualitária com o país vizinho. A rainha Elisabeth, mais conhecida como Sissi, esposa de Josef Franz, herdeiro da dinastia Habsburgo, tinha um apreço especial pelas terras húngaras. Sissi foi atraída por nobres e políticos húngaros, que desejavam obter a atenção por parte da corte austríaca, num esforço para poupar a Hungria da submissão. Após alguns anos de negociação, finalmente Franz Josef cedeu e, em 1867 foi assinado o Compromisso Austro-Húngaro.

O Império Austro – Húngaro era uma organização complexa. Primeiro, porque era um império “multinacional”, pois, além dos austríacos e húngaros, incluía cerca de 13 povos: eslovacos, eslovenos, croatas, checos, etc. Tinham 2 capitais, Viena e Budapeste, embora a primeira fosse, de longe, o centro mais importante de decisão.

A mistura de etnias também é uma característica que se manteve ao longo da história húngara. Ainda no fim do século XIX e início do século XX, houve um grande desenvolvimento intelectual e econômico no país, com destaque para a agricultura. Esse progresso foi o responsável por atrair um grande fluxo de imigrantes para a terra dos

magyar. A maioria desses povos habitava países próximos ou pertencia a grupos que haviam dominado o país no passado.

Os primeiros imigrantes húngaros que vieram ao Brasil o fizeram por volta do ano de 1890, de acordo com dados do site da Comunidade Húngara no Brasil. A escolha se deu por causa da busca por novas oportunidades, já que a conjuntura econômica da monarquia Austro-Húngara não era muito favorável. Além disso, o governo brasileiro oferecia incentivos para aqueles que decidiam se afixar aqui. A maioria escolheu o sul do país, mas boa parte daqueles que desembarcaram no porto de Santos passaram a viver na cidade de São Paulo.

Poucos anos depois, o império Austro-Húngaro já enfrentava seu primeiro grande desafio: a Primeira Guerra Mundial. Nas palavras de Pessoa, a principal consequência do conflito para o império recém-formado foi:

O apoio das potências da entente às tendências centrífugas das minorias nacionais que habitavam a Hungria praticamente condenou à morte o Império Austro-Húngaro, cujo único laço unificador era a pessoa do velho imperador e rei Franz Josef (PESSOA, 1966, p.10.)

Em um texto para a Comunidade Húngara de São Paulo sobre a história do país Eva Piller fez um resumo sobre os pontos essenciais da participação húngara no conflito, e sobre seu desenvolvimento:

(...) Eclode a 1ª Guerra Mundial. O premier húngaro, Estevão Tisza faz de tudo para evitar a guerra, mas sem sucesso. De um lado lutam as Potências Centrais a Monarquia Áustro-Húngara, a Alemanha e mais tarde, a Bulgária e a Turquia. Do outro lado, a Entente: França, Inglaterra, Rússia e mais tarde, Bélgica, Itália, Grécia, Sérvia e EUA, que também entram no conflito em 1917. Durante os 4 anos de luta houve milhões de mortos; entre os quais 650.000 soldados húngaros. (PILLER, 2004, p.5)

Não foi só a guerra que causou grandes mudanças no contexto mundial durante o início do século XX. Em 1917 tem início a Revolução Russa, na qual os bolchevistas derrubam o império dos czares e, liderados por Lênin e Trotskij, instauram um governo comunista e retiram-se da Guerra. São prontamente substituídos pelos Estados Unidos no conflito, que na época possuíam reservas de armas e soldados muito difíceis de serem derrotadas pelos europeus. Já em 1918 as potências centrais são derrotadas pelo grupo agora liderado pelos norte americanos.

No ano seguinte, enquanto a Europa ainda se recuperava do conflito, é proclamada uma república Bolchevista na Hungria, sob o governo de Béla Kun, comunista húngaro recém-chegado de Moscou. Sobre os tratados do pós-guerra, Piller diz:

Depois do Armistício, seguem-se as discussões dos Tratados de Paz, assinados em Saint Germain com a Áustria, em Versalhes com a Alemanha e no palacete de Trianon com a Hungria. Os países perdedores perdem boa parte de seus territórios (a Alemanha, algo em torno de 70.000 km quadrados e a Hungria, mais de 190.000 km quadrados). A Alemanha é ainda condenada a pagar indenizações volumosas aos vencedores. (PILLER, 2004, p.5).

Os territórios perdidos pelos húngaros nesse período dão origem a novos países: a Tchecoslováquia, ao norte, e a Iugoslávia, ao sul. A Romênia herda toda a região da Transilvânia, que sempre pertencera aos húngaros.

Boa parte dos territórios desanexados por esses tratados era habitada por húngaros. Muitos não aceitaram essas mudanças impostas e preferiram emigrar. Os principais destinos escolhidos eram Estados Unidos e América do Sul: “Esta foi uma das origens da comunidade húngara em São Paulo”, afirma Piller.

O segundo grande grupo de emigrantes húngaros a chegar ao Brasil veio exatamente nesse período, de acordo com informações das pesquisas da Casa Húngara de São Paulo. A maioria era proveniente dos territórios desmembrados da Hungria e viajou com os passaportes de seus novos territórios, logo, não eram cadastrados como

húngaros quando chegavam ao porto brasileiro. De acordo com o memorial dos imigrantes, nesse período chegaram ao país 6 mil imigrantes com passaporte húngaro e cerca de 16 mil com passaporte Iugoslavo, entre outros. Foram esses imigrantes que fundaram alguns dos marcos da cultura húngara em São Paulo, como a Associação Húngara (1926), a Igreja de Santo Estevão (1934) e a Igreja Calvinista (1936).

Os tratados de “paz” instituídos no pós-Primeira Guerra Mundial não resolveram todas as tensões da Europa e, em muitos casos, até ajudaram e trouxeram motivos para a eclosão da 2ª Guerra Mundial cerca de duas décadas mais tarde. Durante o período entre guerras também houve um fluxo de imigrantes húngaros para o Brasil, principalmente de famílias judias que, percebendo a ameaça nazista, começaram a buscar outros lugares para se estabelecer. Se nos períodos anteriores a maioria dos imigrantes vivia no campo e saía de seu país natal em busca de terras para trabalhar, nesse período um grande contingente de médicos, engenheiros e intelectuais vieram fugidos da repressão contra as minorias (principalmente judeus).

Em 1933, de acordo com dados da comunidade húngara radicada no Brasil, uma nota publicada pelo *Délamerikai Magyar Hírlap* (periódico húngaro na América do Sul), na edição do dia 15 de junho, estimava-se que o número de imigrantes húngaros no Brasil fosse de 150 mil, sendo que 30 mil viviam em São Paulo. Acredita-se que os descendentes desses húngaros que têm consciência de sua origem são entre 5 e 10 mil hoje.

5.4. A Segunda Guerra Mundial

Durante o período em que muitos tratados do pós-guerra eram discutidos e os países tentavam se reerguer da destruição causada pelo conflito, o nacional-socialismo se fortalecia na Alemanha (principalmente na figura de Adolf Hitler e seus seguidores antisemitas), somado à política agressiva e expansionista adotada por alemães e italianos, em busca de mercados e de matéria prima (além da já citada busca pelos territórios perdidos) e à profunda crise vivida pelo capitalismo norte-americano deflagraram o início do conflito.

A Segunda Guerra Mundial, que teve início com o ataque da Alemanha à Polônia em setembro de 1939 e só terminou com a rendição do Japão em agosto de 1945 – já tinha durado 2174 dias e matado, entre militares e civis, 46 milhões de pessoas. O documentário “Redescobrimo a Segunda Guerra”, da National Geographic, divide o conflito em 8 etapas, as mesmas serão adotadas para a elaboração da tabela abaixo, com a intenção de detalhar algumas ocorrências do conflito:

Destaque	Principais acontecimentos
Ascensão de Adolf Hitler	<ul style="list-style-type: none"> -A Alemanha sofre com as consequências da crise de 1929. O partido nazista ganha força. -Em 1933, Hitler é nomeado chanceler.
Conquistas do exército alemão	<ul style="list-style-type: none"> -Exército nazista ocupa a maioria das capitais européias. A exceção é Londres. -Entusiasmado, Hitler planeja a ocupação da URSS. No entanto, a conquista não é tão fácil quanto o planejado.
Agressão nazista	<ul style="list-style-type: none"> -A Alemanha nazista faz aliança com os soviéticos para atacar a Polônia. -A França e a Grã-Bretanha declaram guerra contra os alemães. -Começa a perseguição aos judeus e ciganos.
A guerra relâmpago	<ul style="list-style-type: none"> -Ataque alemão à Bélgica, Holanda e França. -Percebendo que não derrotará os ingleses, Hitler se volta contra os soviéticos, até então seus aliados. -Começa o êxodo de civis em direção a locais menos atingidos pelo conflito.
Momentos Decisivos	<ul style="list-style-type: none"> -Após o ataque à Pearl Harbor, Roosevelt declara guerra ao Japão e a guerra se torna mundial.

- As forças aliadas não são capazes de conter o avanço do Exército japonês no sudeste da Ásia.

- Os bombardeiros britânicos começam a espalhar o terror pela Alemanha. Ainda assim, nada parece ser capaz de deter as tropas de Hitler.

- A "Solução Final" dos nazistas planeja leva o extermínio dos judeus.

O Apocalipse

-A SS assume o controle total na Alemanha. Até que no leste, o Exército Vermelho continua avançando e chega à Berlin.

-Hitler comete suicídio em 30 de abril de 1945.

-Estados Unidos lançam a bomba atômica contra os japoneses.

Este panorama foi apresentado para situar o leitor sobre o âmbito generalizado, facilitando, assim, a compreensão das histórias particulares. Para esse mesmo propósito, é válido que haja um aprofundamento na vivência dos judeus durante o período de guerra. Como a Hungria tem um perfil diferente dos demais países com grande população de judeus (uma vez que ocorreu um massacre tardio se comparado às demais localidades), faz-se necessário dividir essa explicação em duas partes.

Primeiramente será usado o exemplo da Polônia. Abaixo estão descritas as palavras do garoto Shmuel, personagem da obra “O menino do pijama listrado”. No livro, Shmuel é um garoto judeu polonês que foi deslocado para o campo de concentração de Auschwitz junto com sua família. No texto destacado abaixo, ele explica para seu amigo Bruno, como fora sua vida até chegar ali. Embora repleto de traços da ingenuidade dos garotos, a fala de Shmuel mostra o passo a passo das restrições que os judeus europeus sofreram através dos anos:

Antes de irmos para cá eu morava com minha mãe e meu pai e meu irmão Josef num pequeno apartamento sobre a loja onde papai fazia seus relógios. (...) E então um dia as coisas começaram a mudar”, ele prosseguiu. “Eu voltei da escola, e minha mãe estava costurando braçadeiras para nós, feitas de um tecido especial, e desenhando uma estrela sobre cada uma delas. E sempre que saíamos de casa, ela dizia, tínhamos de usar uma daquelas braçadeiras.” (...) “Usamos as braçadeiras durante alguns meses”, ele disse. “E então as coisas mudaram novamente. Cheguei em casa um dia, e a mamãe disse que não poderíamos mais morar na nossa casa (...) Tivemos que nos mudar para outra parte de Cracóvia, onde os soldados haviam construído um grande muro, e minha mãe e meu pai e meu irmão e eu, todos tínhamos que morar no mesmo quarto. E não éramos apenas nós”, disse Shmuel. “Havia lá outra família morando conosco, (...) Éramos onze ao todo. Moramos lá por mais alguns meses. Então, um dia vieram os soldados e seus gigantescos caminhões”, continuou Shmuel, “E todos tiveram que deixar suas casas. Muitas pessoas não queriam ir (...). E os caminhões nos levaram a um trem, e o trem...” Ele hesitou por um instante e mordeu o lábio. Bruno pensou que ele ia começar a chorar. “O trem era horrível”, disse Shmuel. “Havia muitos de nós nos vagões, para começar. E não havia ar para respirar. E o cheiro era terrível. Quando finalmente o trem parou”, prosseguiu Shmuel, “estávamos num lugar muito frio e tivemos que caminhar até aqui (...). E levaram minha mãe embora, e papai, Josef e eu fomos colocados nas cabanas logo ali e é onde ficamos desde então”. (BOYNE, 2006, p.61).

Os judeus húngaros sofreram restrições semelhantes, no entanto, as medidas mais duras foram tomadas no país apenas a partir de março de 1944. Antes disso, a Hungria serviu até mesmo como um refúgio para os judeus que viviam em outros países da Europa e foram atacados anteriormente: a população de judeus húngaros era de cerca de um milhão, já os imigrantes refugiados chegaram a somar cerca de setenta mil. Na obra “Hungria, satélite contra a vontade”, o autor John Montgomery explica esses dados:

A segurança dos judeus na Hungria era em grande parte devida ao tipo das leis restritivas aprovadas. Mediante essas leis, a Hungria parecia se alinhar com as exigências do tirano, mas permanecia em condições de manter um oásis de refúgio (...). As concessões húngaras às exigências antijudaicas da Alemanha tinham o objetivo de reduzir o ímpeto nazista (MONTGOMERY, 1999, p. 112).

O autor afirma que a Hungria não pode ser comparada com a Inglaterra ou a Suécia no que diz respeito ao tratamento dos judeus, uma vez que esses países não foram submetidos às mesmas condições que o país e seus vizinhos. Segundo ele, as comparações devem ser estabelecidas apenas entre países que viveram um contexto semelhante. Abaixo estão alguns dados referentes às restrições sofridas pelos judeus que viviam no leste da Europa:

Ano	Restrições
1937	-A Romênia exclui os judeus dos serviços civis e declara que o Estado não iria mais negociar com empresas de judeus; -Romênia suprime jornais de proprietários judeus;
1938	-Romênia priva os judeus do direito de voto;
1940	-São introduzidas na Romênia as leis referentes a casamentos mistos, a empregados domésticos não judeus, entre outros; -Esses exemplos logo são seguidos na Iugoslávia e na Bulgária; -Em dezembro, os Romenos decretam que todas as lojas de propriedade de judeus deveriam ser identificadas como tais.
1941	-Em julho, todos os judeus romenos que viviam na fronteira com a Moldávia foram retirados à força de suas casas; -Os búlgaros e romenos concentram os judeus em guetos;
1942	-Na Bulgária, os judeus são condenados a usar a Estrela de Davi e são expulsos da capital.

Sobre o caso específico da Hungria, a Enciclopédia do Holocausto afirma que o isolamento em guetos teve início apenas em 1944, após a invasão do país pelos alemães. A partir de então, em menos de três meses, a polícia húngara, juntamente com alemães especialistas em deportação, do Escritório Principal de Segurança do Reich concentraram mais de 440 mil judeus húngaros (exceto os que viviam na capital) em “guetos de destruição em curto prazo”. Ainda segundo a Enciclopédia, sobre seu destino:

(...) os deportaram sob a custódia alemã através das fronteiras húngaras. A maioria foi deportada para o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. Em Budapeste, as autoridades húngaras determinaram que os judeus passassem a viver confinados em casas marcadas, conhecidas como Casas da Estrela de David. (...) No dia 15 de outubro de 1944 o regime estabeleceu oficialmente um gueto em Budapeste, no qual cerca de 63.000 judeus passaram a viver em uma área que media pouco mais de ¼ de quilômetro quadrado. (Enciclopédia do Holocausto, no verbete “Guetos”).

Apesar de tardia, a invasão da Hungria aconteceu num período crítico, quando os nazistas já executavam a “Solução Final para a questão judaica” (Planejada na Conferência de Wannsee, em 20 de janeiro de 1942), ou seja, planejavam exterminar todos os judeus da Europa. Foi o ápice de uma década de ações discriminatórias. Alguns poucos judeus eram “salvos” do extermínio imediato quando chegavam aos campos de concentração, pois eram considerados aptos ao trabalho forçado. Os demais, em sua maioria, foram imediatamente assassinados. O site do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos confirma que mais de 100 mil húngaros foram usados para trabalhar.

O objetivo da "Solução Final" era exclusivamente o de exterminar todos os judeus europeus. Assim, nos campos de extermínio, as SS e a polícia alemã assassinaram cerca de

2.700.000 judeus utilizando mecanismos de asfixia por gás venenoso ou por fuzilamento, e 3.300.000 outros israelitas morreram devido às atrocidades cometidas contra eles pelos alemães e seus colaboradores, por fome, maus-tratos, espancamento, frio, doenças, experiências “médicas”, e outras formas de crueldade (...). (Enciclopédia do Holocausto, no verbete “A solução final, uma visão geral”).

Rudolf Höss foi comandante do complexo de Auschwitz e supervisor do gaseamento dos judeus húngaros em Auschwitz em 1944, entre outros cargos de alta patente entre os nazistas. Em sua autobiografia, ele escreveu:

Por ordens de Pohl fiz três visitas a Budapeste de forma a obter uma estimativa do número de judeus saudáveis que poderiam ser esperados [...] Eichmann estava completamente obcecado com a sua missão e também convencido que a ação de extermínio era necessária para preservar o povo alemão no futuro das intenções destrutivas dos judeus. (...) a possibilidade de fugas em massa ou qualquer outro acontecimento poderia fazer com que esses judeus sobrevivessem. (HOSS, apud blog Mito & Realidade).

No total, seis milhões de judeus morreram por causa da condição imposta pelos nazistas durante o Holocausto. Esse número corresponde aproximadamente 2/3 dos judeus que viviam na Europa antes da Segunda Guerra Mundial.

5.5. O fim da Segunda Guerra Mundial e a invasão Russa

“Budapeste, 15 de outubro de 1949. Julia Rajk foi acordada pelo som de botas nos paralelepípedos. Como sua audição era aguçada, ela percebeu imediatamente que logo haveria um enforcamento – um dos 51 que testemunhara no último mês, ao menos parcialmente. “Eu ouvi alguém falar assim ‘Géza, a execução já pode ser realizada’”, narrou ela tempos depois. “Ouvi a cadeira sendo tirada debaixo dos pés do condenado. E,

no grande silêncio da manhã, ouvi o médico confirmar que estava morto”. Somente horas depois, naquele mesmo dia, foi que ela soube que ouvira pela manhã a execução de seu marido”. (Sebéstyen, 2006, p.70).

Quando terminou a segunda guerra mundial, Budapeste estava em ruínas e as pontes que ligavam Buda e Pest, passando sobre o Danúbio haviam sido destruídas. Quando se retiraram, os alemães levaram tudo o que puderam consigo. Em 4 de abril de 1945 todo o território húngaro é ocupado pelo exército soviético.

Embora a chegada dos russos ao país tivesse sido vista pelo húngaros como uma salvação para o terror dos nazistas, eles logo demonstraram seu poder: saquearam e tomaram conta de boa parte dos bens dos húngaros.

Por alguns poucos dias de alegria os russos foram recebidos efusivamente como salvadores (...). Os soldados logo fizeram que os húngaros entendessem rapidamente o que significava ser o inimigo conquistado. A ocupação do Exército Vermelho provocou desespero mesmo entre os que o saudaram como uma derrota do fascismo (...). As primeiras palavras russas que a maioria dos húngaros aprendeu foram *Davai Tchassey* (me dê o seu relógio). O saque era generalizado. (SEBESTYEN, 2006, pág 39).

O autor atribui os saques russos, principalmente, as privações sofridas por esse povo, que vivera uma vida de extrema necessidade nos últimos trinta anos. Essa necessidade e exercício do poder recém-adquirido aplicaram-se também no relacionamento com as mulheres. Estima-se que 150 mil delas tenham sido estupradas (dados de um relatório da Embaixada Suíça mantido em segredo por anos, pois muitas mulheres recusavam-se a falar sobre o tema, que se tornou um tabu até a saída das tropas russas do país, em 1990). Elaine Polcz tinha 20 e poucos anos no final da guerra e já havia sido prisioneira dos alemães quando foi capturada pelos russos. Abaixo, um trecho de seu depoimento, para exemplificar a situação que foi recorrente a muitas mulheres húngaras no período pós-guerra:

Entraram três russos e me disseram para ir com eles. Eu entendi então exatamente o que eles queriam. (...) ouvi o som de algo batendo na porta. Era o barulho dos saltos das minhas botas, eu estava tremendo muito. (...) Como eu tentava me defender, eles me derrubaram e bati a cabeça. (...) Eu recobrei os sentidos no salão do padre. Um russo estava em cima de mim. Estava nua da cintura para baixo. Não sei quantos russos me usaram depois daquela vez nem quantos haviam me usado antes. (...) Nos dias que seguiram, chegaram mais soldados e fui muito molestada (POLCZ apud SEBESTYEN, 2006, pág 41).

Além do impacto cultural e social, a ocupação alemã seguida pela ocupação russa trouxe grande impacto econômico para os húngaros. Em 1945, cerca de um terço da indústria húngara (avaliada em 1 bilhão de dólares) era controlada pelo capital alemão. Com a invasão dos russos, 200 fábricas inteiras e as máquinas de outras 300 foram desmontadas e enviadas à União Soviética. Os russos também lucravam com a indústria do ferro, do aço, ferrovias, etc. Cerca de 1/3 das reservas húngaras de ouro e prata foram tomadas pelos soviéticos.

Além disso, muito foi gasto com as indenizações do pós-guerra: para se ter uma ideia, em 1946 e 1947 o orçamento destinado para indenizações de guerra foi 8 vezes maior do que a soma designada para a reconstrução no pós-guerra. Nesse período, a ONU calculou que a perda material total da Hungria chegava a 40% da renda nacional.

Junto com as tropas russas chegaram à Hungria um grupo chamado de “Moscovitas”, um grupo de comunistas húngaros que vivera com os soviéticos durante os últimos anos, pois haviam sido exilados durante governos anteriores. Dentre esses, Mátyas Rácosi foi o escolhido para ser o representante de Stalin em Budapeste.

Os moscovitas sabiam o que se esperava deles: tinham de construir uma colônia soviética sem a menor variação do modelo Stalinista. (...) O homem que Stalin escolheu como seu representante em Budapeste foi Mátyas Rácosi. Seus crimes são pouco conhecidos fora da Hungria, mas, se tivesse atuado em

palco maior, seria conhecido hoje como um dos grandes monstros do século XX, apesar da forte concorrência. (SEBESTYEN, 2006, p. 46).

No verão de 1945 os comunistas se instalaram nos escritórios do centro de Budapeste que haviam sido ocupados pela Gestapo. Uma das primeiras atitudes foi instituir uma reforma agrária no país, quesito que o deixava muito atrasado ante aos demais (naquele período a Hungria ainda era um país predominantemente rural, embora quase metade das terras cultiváveis pertencesse a 1% dos proprietários). Apenas nessas circunstâncias, cerca de dois milhões de hectares foram distribuídos entre 600 mil camponeses. Quem implementou essa transformação foi Imre Nagy, um comunista que ficou conhecido como “Divisor de terras” desde então.

O resultado dessa cultura de industrialização causou a falta de matéria-prima para a produção dos bens de consumo, uma vez que a agricultura passou a ser totalmente preterida pelas autoridades. Ao invés de conduzir essa transformação do rural ao industrial de forma lenta, da mesma maneira que ocorrera na própria União Soviética, os comunistas quiseram acelerar o processo húngaro – e esse crescimento foi superior à capacidade que o próprio país tinha.

Apesar de ser o país que menos dispunha de matérias-primas para a produção, a Hungria teve um crescimento de 210% no setor industrial entre os anos de 1949-1953, enquanto seus vizinhos como a Polônia e a Romênia atingiram 158% e 144%, respectivamente, entre os anos de 1949-1955. Isso provocou grande desequilíbrio entre a oferta e a procura pelos bens industrializados.

Nesse período, apesar dos indícios do contrário, muitos húngaros ainda acreditavam que os comunistas instituiriam uma democracia. Não tardou para que se provasse o contrário: de acordo com o plano elaborado por Stalin, Rákosi foi conquistando espaço e poder para os russos, como elucida Sebestyen:

A partir de meados de 1948, a estrela vermelha começou a aparecer nos edifícios públicos e nas fábricas por todo o país. Rákosi estava pronto para realizar a tarefa para a qual seu mestre

do Kremlin o havia escolhido: transformar a Hungria em uma República Popular segundo os moldes soviéticos, para ser motivo de inveja dos outros Estados satélites. Os bancos foram expropriados no outono e, em 28 de dezembro de 1948 todas as empresas com mais de dez funcionários foram nacionalizadas (...). (SEBESTYEN, 2006, pág. 57).

Muitos outros setores da sociedade foram adaptados para agradar as imposições “vermelhas”: os feriados públicos foram ajustados de acordo com a URSS, o sistema educacional passou a ser o russo (e isso queria dizer que a língua do Kremlin era a única língua estrangeira a ser ensinada nas escolas) e até a bandeira do país foi modificada, para incluir um brasão com a foice e o martelo soviéticos. Essa “russificação” causou grande ressentimento entre os húngaros. A AVO era a polícia do país que, inspirada nos moldes soviéticos da KGB, persistia na tarefa de eliminar possíveis opositores do partido.

Por anos, desempenhou sua função com uma eficiência cruel. Há uma palavra húngara “*csengöfrász*” muito usada na década de 1940 e nos anos 1950, cuja tradução é “pavor da campainha”. Significava o terror generalizado no país, do som da campainha no meio da noite. (SEBESTYEN, 2006, p. 60).

Aos poucos, instaurou-se o medo. Inicialmente a perseguição era aos opositores do governo, mas, lentamente, os comandantes começaram a perseguir até mesmo oficiais do próprio partido, num misto de intrigas e disputa pelo poder. Nos primeiros três anos da década de 1950, mais de 1,3 milhão de pessoas foram processadas (num país com menos de 10 milhões de habitantes). 50 mil foram detidos sob acusações fraudulentas e nunca foram a julgamento. Três campos de concentração mantinham mais de 40 mil prisioneiros.

O dia nas fábricas e escritórios tinha início com a leitura do jornal do partido, intitulado *Povo livre* (uma ironia, naquelas circunstâncias). A imprensa era uma arma de propaganda vital na opinião dos comunistas. As condições dos trabalhadores pioraram

ao longo da década e, segundo Sebestyen, era necessário trabalhar um ano e meio para que uma mulher pudesse comprar um simples vestido ou um homem pudesse comprar um terno de segunda categoria (os únicos disponíveis então). Na mesma época, cerca de 300 mil camponeses se mudaram para as cidades, causando grande escassez de comida.

Os “erros do passado” começaram, na Hungria, a partir do momento (...) em que os comunistas iniciaram uma política de terror destinada a eliminar seus adversários e concentrar todo o poder nas mãos do PC. (...) Referindo-se a esse período crítico (1949 até junho de 1953) Imre Nagy afirma que a falsa interpretação da situação internacional, os exageros quanto ao perigo da guerra desempenharam um papel de grande importância na prática de graves erros, em consequência dos quais o país foi levado à beira da catástrofe. A causa principal de tal situação está no fato de a política econômica do governo ter sido adaptada aos caprichos de Stalin e não às condições objetivas do país. (PESSOA, 1966, p.51).

As condições de vida somadas à submissão a qual o país era claramente submetido (mesmo depois de anos de dominação estrangeira) causaram revoltas na população húngara ao longo dos anos. Esse sentimento chegou ao seu ápice em 22 de outubro de 1956, quando teve início a Revolução Húngara.

Os estudantes foram os responsáveis por acender o pavio da revolução. De acordo com a ideologia marxista, eles deveriam ser gratos por tudo o que o sistema havia-lhes proporcionado (de fato, os níveis de alfabetismo no interior do país, bem como o número de vagas disponíveis nas faculdades haviam aumentado maciçamente desde que os discípulos do Kremlin assumiram o poder). Infelizmente para o sistema, ao invés de gratidão, esses jovens foram os responsáveis por levantar os principais questionamentos sobre o regime.

Eles partilhavam da ira de toda a nação em relação ao domínio soviético, à miséria e à pobreza da Hungria e à falta de liberdade. Contudo, tinham queixas específicas também, sobre

as condições das faculdades e universidades. (...) Os estudantes haviam aprendido as próprias lições nos dramas de Varsóvia, e estas não incluíam a paciência e a cautela. (SEBESTYEN, 2006, pág. 144).

Na tarde da segunda-feira, dia 22 de outubro do ano de 1956 mais de 5 mil estudantes se reuniram na Universidade Tecnológica de Budapeste. Antes disso, jamais um evento estudantil reunira tantos estudantes e professores simultaneamente. Quando o encontro terminou eles haviam elaborado um documento histórico, intitulado “Os dezesseis pontos”, que mais tarde iria se tornar um dos símbolos da Revolução.

No dia 23 de outubro os estudantes divulgaram esse manifesto e atraíram uma multidão de aproximadamente 100 mil pessoas. Pedem uma resposta ao líder Imre Nagy e aos próprios soviéticos. Eles pediam a divulgação de seu manifesto. Às três horas da tarde daquele mesmo dia, cerca de 12 mil pessoas se reuniram para o início das manifestações. Para muitos, aquele era o momento em que “depois de dez anos, as pessoas finalmente podiam demonstrar o que sentiam”, mesmo que não soubessem do poder revolucionário do que faziam naquele momento (e das consequências que isso traria).

Outra marcha reuniu cerca de 8 mil estudantes, que partiram da Universidade Tecnológica de Budapeste. O trajeto passava por bairros residenciais e comerciais, nos quais os manifestantes eram aplaudidos pelas pessoas nas janelas. Foi nessa situação que surgiu outro símbolo que marcou a revolta popular húngara:

Alguém havia recortado o emblema do martelo e da foice da bandeira tricolor húngara, verde, branca e vermelha. A nova bandeira, com um buraco no centro, foi passada para os manifestantes, levantada e carregada a frente da marcha. Os manifestantes, de maneira totalmente pacífica, continuavam a gritar lemas cautelosos. (SEBESTYEN, 2006, p. 153).

Quando eram quatro e meia da tarde da mesma data, 25 mil pessoas já estavam reunidas na praça bem, e outras tantas na margem vizinha do Danúbio. Espontaneamente, decidiu-se que a marcha prosseguiria até o Parlamento húngaro, que até hoje é um dos marcos da paisagem do país. Nada daquilo fora programado, mas quando acabou a passeata inicial, todos quiseram seguir com as manifestações. Conforme seguiam em frente os manifestantes agrupavam mais seguidores, em sua maioria trabalhadores que os viam passar em sua caminhada até o parlamento. O grito que ecoava pelas ruas era a “Russkik hazá” (Russos, vão para casa!).

Logo os russos perceberam que uma intervenção seria inevitável caso quisessem manter o poder sobre o país. A luz do Parlamento foi desligada e os revoltosos fizeram rolos com o jornal “O Povo Livre” e criaram tochas improvisadas, criando uma visão muito bonita para a cena, que comoveria muitas testemunhas anos depois. O povo pedia a presença do líder comunista Imre Nagy, que de forma incomum, fazia parte das esperanças da população. Depois de resistir, Nagy decidiu se aproximar da multidão ao fim daquele dia.

A rádio de Budapeste estava cercada e vigiada pelos comunistas, enquanto os estudantes protestavam para que pudessem ler seus 16 pontos pela revolução. A tentativa culminou num discurso de repressão por parte de Ernő Gerő, chefe do Partido, que acabou por incitar os que manifestavam, ao invés de acalmá-los. Eles partiram, então, para a Praça dos Heróis, onde há quatro anos fora construída uma gigantesca estátua de Stalin.

À noite uma multidão se reuniu para ver se o símbolo máximo da escravidão húngara poderia ser destruído. (...) A estátua de 12 metros de altura fora feita para durar. Tudo o que restou foram as botas. (SEBESTYEN, 2006, p. 153).



Figura 2: A estátua de Stalin depois de ser derrubada pelos manifestantes.

Os primeiros conflitos armados ocorreram nos arredores da rádio da capital. Os manifestantes não possuíam armas, o que tornava o conflito com os russos desigual. Alguns militares – que estavam nessa posição apenas por causa do serviço obrigatório – logo entregaram suas armas para os populares.

Desde o início da revolução, ficou clara a posição dos militares húngaros. As forças ordinárias de polícia manifestaram sua simpatia pelos revolucionários e começaram a dar-lhes armas e combater ao seu lado. Da mesma maneira, muitas unidades do exército húngaro lutaram ao lado do povo. (PESSOA, 1966, p. 102.)

Foi dessa forma que os protestos se transformaram numa insurreição armada, que durou por toda aquela noite. Os populares atiravam os famosos coquetéis Molotov contra os tanques vermelhos. Naquela mesma noite, Imre Nagy foi nomeado o primeiro-ministro, numa tentativa soviética de acalmar a multidão.

As tropas soviéticas chegaram à Budapeste às 14 horas do dia 24 de outubro de 1956. Sobre os números e características da invasão, Sebestyen comenta:

Os russos enviaram para a cidade 6 mil homens e setecentos tanques (...). Uma força semelhante fora enviada na noite anterior para fechar a fronteira com a Áustria. Os soviéticos colocaram mais 20 mil soldados de infantaria, 1100 tanques e 185 armamentos pesados de reserva, sob alto alerta e já mobilizados dentro da Hungria. (...) Assim que suas tropas foram avistadas em Budapeste 'foram saudados com uma saraivada de balas e disparos' por um bando mal organizado de rebeldes, muitos deles ainda adolescentes, armados com uns poucos rifles e alguns coquetéis Molotov preparados às pressas. Foi a revolução mais mal organizada da história, não contava com líderes ou planos. (SEBESTYEN, 2006, p. 153).

A intervenção soviética alimentou ainda mais o desejo dos húngaros de lutarem pela própria liberdade. Os camponeses também colaboraram com a batalha, cedendo alimentos para aqueles que lutavam gratuitamente ou por preços baratos. Da noite para o dia, os insurgentes haviam ocupado centrais telefônicas, o prédio da rádio de Budapeste, os escritórios do jornal Povo Livre e a estação ferroviária leste, todos em Peste. Logo os tanques soviéticos abriram fogo na Praça do Povo, onde uma multidão se reunira para ver os destroços da estátua de Stalin. Em 4 de novembro, a intervenção soviética para conter os revoltosos atingiu seu auge e conteve a tentativa de emancipação dos húngaros.

6. DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

6.1. Concepção

Eu sempre soube que minha avó era diferente das outras avós. Mas como tudo que a gente ‘sempre-soube’, nunca dei a devida importância para essas diferenças. Dona Eva tem um sotaque carregado e lembro que, quando eu era mais nova, se mastigasse de boca aberta, vinha o grito certo: “*Malac!*” – Pronuncia-se “mólotz” e significa porco em húngaro. Eu não tinha modos à mesa e também não entendia a diferença da minha bronca para a das outras crianças.

Se na maioria das casas o café da tarde tem bolo de fubá ou doce feitos por mãos enrugadas, na minha casa a comida é igualmente saborosa, mas com nomes um bocado mais complexos.

Minha família é como as outras, adoçada por conversas em húngaro quando o assunto é proibido para as crianças, ou quando a discussão se intensifica – como diz o ditado: onde há dois húngaros sempre existem três opiniões.

Cresci e continuei encarando essas diferenças com naturalidade. “É, minha avó fugiu do país em que morava escondida num caminhão de leite”, repetia para os coleguinhas da escola. Gostava da cara de espanto que faziam. Hoje sei que eles ficavam mais deslumbrados que eu, que não entendia a gravidade da situação e a força das palavras que enunciava - tinha-me acostumado com a ideia.

O tempo passa e (ainda bem) nos permite ver as histórias de sempre com novos olhos. Não sei em que ponto compreendi que as cenas que relatava aos amigos ou estudava na escola eram partes de uma história mais complexa, com implicações profundas para pessoas próximas a mim e muitas outras.

Desde então, o que conheço sobre história ganhou sentido, proximidade.

No livro *História Oral, desafios do Século XXI*, o historiador Friedhelm Boll, ao relatar a história de sobreviventes dos campos de concentração, analisa o silêncio de um de seus entrevistados, que se recusa a falar sobre o período passado nas prisões nazistas. “A linguagem cotidiana e coloquial é inadequada para descrever as experiências do Holocausto. Portanto, apesar de sua boa vontade, Feliks Fischer não é capaz de

descrever suas experiências de maneira que acredite que possa ser compreendido (BOLL, 2000, p.140)”.

Fischer está de um lado da história, eu estou de outro, mas partilho de sua opinião: a compreensão de quem não viveu é uma tarefa deveras complicada. O entendimento que tenho é, se tanto, superficial: desconheço a maior parte das injustiças que passaram as pessoas que sofreram na Europa Oriental ao longo do século XX – assumir alguma compreensão implicaria num grau de interação muito maior que o tempo e o espaço permitem.

Mesmo assim, depois de conhecer um pouco mais sobre o tema, tive vontade de me aproximar para entender os fatos, mesmo que de forma limitada. O ‘sempre-soube’ se transformou na vontade de entender e transmitir, de alguma forma, o que se passou.

Durante toda a vida ouvi minha avó dizer que tinha vontade de escrever suas memórias, transformá-las em algo que pudesse ser reproduzido e entendido pelas próximas gerações. Quando entrei na faculdade de jornalismo, surgiu a ideia: será que um dia eu seria capaz de ajudá-la?

No primeiro semestre de 2011 tive a oportunidade de viver em Portugal, para um intercâmbio. Uma vez na Europa, não foi difícil que os caminhos levassem ao passado da minha família materna.

A primeira visita que me tocou foi Praga. Um museu composto de desenhos de crianças que viveram - e morreram - nos campos de concentração. Do outro lado da rua, um cemitério judeu cujos túmulos estavam empilhados uns em cima dos outros, chegando a ser três ou quatro vezes mais alto que o nível da rua onde está.

Alguns euros depois, uma visita a Berlim. Impossível não notar que a capital da Alemanha carrega uma culpa invisível. Ela se desculpa, talvez, na forma de homenagens aos que se foram. O monumento aos judeus mortos no holocausto, no centro da cidade, encara o visitante com olhos de concreto. É um cemitério, uma cidade, um incontável número de indivíduos ali representados e ao mesmo tempo, esquecidos. Fica aberto à interpretação do freguês - mas deixa um nó na garganta.

Veza ou outra, eu captava notícias de húngaros envolvidos naquele passado. Por fim, cheguei a Budapeste.

A capital da Hungria é mais sofrida que culpada. Até para os desavisados, a cada esquina há o lembrete de um massacre sofrido. A “cidade amarela”, que fala o “único idioma que o diabo respeita” já comeu o pão que ele mesmo, o diabo, amassou.

Budapeste me tocou de diversas formas. Pelas ruas estão os vestígios da guerra. Virando a esquina, o bairro judeu. No Parlamento, balas cravadas nas paredes externas são memória dos assassinatos que ocorreram naquele local durante a Revolução Húngara.

Visitamos a casa que era de minha avó, a empresa que um dia foi de meu avô. A casa do tio, do primo, da madrinha, da amante. No cemitério, pedras homenagearam familiares mortos, substituindo as flores que costumamos ofertar. Essas flores que ofertamos hoje, pois um dia nos fizeram sentir vergonha de ofertar pedras, pois é uma tradição judaica. Então eu estava envolvida pelo passado e aquela terra era (mesmo que só um pouco) minha também.

Esse foi o ponto de partida para que esse trabalho fosse realizado: a vontade de mostrar essas memórias que tenho na família e que são parte de uma história muito famosa – vistas de um ângulo que não estamos acostumados a poder desfrutar: aquele que é próximo das pessoas comuns.

6.2. O início da pesquisa

A pesquisa teve início com uma visita à Budapeste, capital da Hungria, em julho de 2011. Nessa ocasião, foi possível conhecer boa parte do passado da família da personagem principal, entender como vivem, e como se relacionam com seu passado.

Na mesma oportunidade, também foi possível fazer o mesmo percurso que Eva Matravolgyi realizou na fuga de seu país natal, em 1956: visitei o convento da Cruz Vermelha no qual a família se hospedou por alguns meses, bem como alguns locais da Itália em que passaram antes da imigração para o Brasil – junto com a minha mãe e minha irmã, fui de trem de Veneza à Viena. Não é exatamente o mesmo percurso feito pelos Matravolgyis 50 anos antes, mas algo semelhante.

A viagem ao leste da Europa foi repleta de descobertas: algumas serviram para reafirmar o que eu já sabia, outras trouxeram sentimentos inesperados: fomos passar uma tarde com a irmã de meu avô László, que nunca saiu de Budapeste (a não ser a poucos anos, quando se mudou para uma cidade vizinha e mais tranquila). O sentimento de visitar um casal que, cuja casa eu nunca conhecera – sabia apenas seus nomes pelas histórias de família – e, chegando lá, encontrar caixas com fotos minhas e de meus primos (todos nascidos no Brasil), é capaz de levar qualquer um às lágrimas. Comigo, é claro, não foi diferente.

As caixas de fotos vinham sendo alimentadas por minha avó, Eva, a personagem principal do livro, desde a morte de meu avô, László, em 1986 – já que seu coração só permitiu que conhecesse o neto mais velho, Rafael.

A essa memória histórica e afetiva de um lugar que eu conhecia pela primeira vez (apesar de ouvir falar sobre desde pequena) juntou-se o fato de eu conhecer a vontade da minha avó de contar suas memórias desde os tempos da pré-escola e o contato com um “primo” para lá de fofaqueiro: o filho de Ibolyá, a irmã que Eva só conheceu depois da morte de Jenő em 1953. Ele se chama Béla e – como ele não entende português, posso escrever aqui – é um ótimo contador de histórias, sem papas na língua, como se costuma dizer por aqui.

Ele foi o responsável por nos atualizar das partes menos “poéticas” da história que virou enredo do produto desse trabalho: amantes, esconderijos e tudo o que foge um bocado do politicamente correto. Então, inevitavelmente, formou-se uma trama que *precisava* virar livro, afinal, continha todos os ingredientes necessários para que a receita vingasse: história coletiva, história pessoal, aventuras, fugas e claro, amantes, casamentos bem e mal sucedidos, conflitos pessoais e uma boa dose de busca pela sobrevivência em um contexto desfavorável.

6.3. Desenvolvimento da pesquisa

Seguiu-se uma intensa leitura do conteúdo relacionado ao passado da Hungria,, como citado acima, para que as entrevistas pudessem ser elaboradas a partir de uma visão crítica dos fatos.

Provavelmente (sendo esta uma maneira sutil de dizer “com certeza”) eu não tinha ideia do que me esperava quando escolhi esse tema para meu projeto de conclusão de curso – talvez seja esse o motivo de o caminho percorrido até aqui ser pouco “ortodoxo” se comparado aos demais trabalhos que pude presenciar de meus colegas durante o período de faculdade.

Em primeiro lugar, um tema familiar, tão próximo, revelou-se espinhoso. Ao mesmo tempo em que a maioria dos entrevistados era cem por cento acessível, tive muita dificuldade em abordar o tema com eles – retratar alguém distante, por mais que requeira uma aproximação mais cautelosa, também gera um resultado menos temido, já que não há uma relação afetiva entre entrevistador e fonte.

Mesmo que inconscientemente, eu temia a reação de meus familiares – não bastasse a proximidade e a relação de carinho que tenho com eles, a história tange temas delicados e, em sua maioria, pouco comentados em família, como o judaísmo, conflitos pessoais e problemas dentro dos casamentos (como é o caso de Jenö e Margit durante o livro). Minha tia-avó Suzana, por exemplo, nunca contou aos próprios filhos que foi casada mais de uma vez ou que nasceu e foi criada como judia até os dez anos de idade: ela se recusa a voltar à Hungria desde que veio ao Brasil nos anos 1940. Seus filhos chegaram a comprar passagens para a tal visita, as quais ela educadamente recusou – é um conflito que talvez merecesse uma análise psicológica detalhada antes de ir parar em um livro!

Minha avó e minha mãe, as pessoas que estiveram mais próximas a mim durante esse processo, sempre me deixaram muito à vontade quanto ao tema. Nunca houve pressão quanto ao prazo, datas das entrevistas, leitura do produto. Pelo contrário. De minha parte, no entanto, houve muito receio.

Por causa de todos esses motivos e expectativas (principalmente as que foram se criando de minha parte) tive muito medo de não saber dosar o tema – o produto deveria fazer jus a realidade, mas não tinha a intenção de ofender ninguém. Justamente por isso, procurei me refugiar em outras partes da pesquisa, deixando as entrevistas com minha avó sempre “para depois” – fiz muitas leituras sobre o assunto, entrevistei muitas pessoas na comunidade húngara e deixei as entrevistas com a personagem principal em último lugar.

Como era de se esperar, devido a esse “conflito”, muitas das informações cruciais para a elaboração do produto foram obtidas apenas nos últimos meses.

Outro grande medo durante esse processo foi idealizar os personagens – não seria nada difícil que isso acontecesse. Talvez eu não tenha sido bem sucedida na tarefa de evitar “romancear” demais os envolvidos que só conheci através de depoimentos, mas a tentar evitar esse acontecimento já foi suficientemente árdua.

As entrevistas realizadas, principalmente com minha avó, buscaram abordar, além dos fatos, características de cada personagem e características da cultura húngara, que pudessem enriquecer o livro. As inúmeras conversas com ela me permitiram também que eu entendesse sua forma de pensar durante as situações mais traumáticas que vivenciou, o que facilitou a descrição dos eventos durante a narrativa.

Aos poucos, a partir dos depoimentos de Eva, sobre os acontecimentos particulares – e da pesquisa de documentos e fotos que fundamentaram boa parte de sua fala – a história foi-se criando. Talvez devido ao tempo de maturação do conteúdo, seu desenvolvimento foi mais fácil que o esperado.

Foi necessário rever a abordagem dada a alguns personagens – por exemplo: inicialmente, tinha optado por excluir as duas amantes de Jenö da história (a relação que resultou no nascimento de sua filha Ibolyá e o romance com Iren) por medo da reação de alguns parentes. “Cortei” as personagens da história antes que me pedissem – ainda que hoje considere isso um erro. Por fim, as personagens foram mantidas na história: já que ela será contada, que seja por inteiro!

A pesquisa histórica mais detalhada se fez presente na hora do enlace entre pessoal e coletivo – algumas escolhas ocorridas na história dependeram diretamente de fatos comuns, como se considerou desde o início. Isso exigiu uma busca detalhada por datas, consequência e até mesmo a localização geográfica dos lugares. Para tal, muitas vezes precisei que minha avó me ajudasse na leitura de livros e sites em húngaros que, como era de se esperar, são muito mais ricos em informações sobre o tema que os brasileiros.

6.4. Apresentação do Produto

Para a elaboração do produto final fizeram-se necessárias algumas escolhas, as quais estão abaixo justificadas:

A ausência de fotos

A escolha pela ausência de fotos – e a opção por ilustrações – foi feita com a intenção de dar caráter lúdico ao projeto final. Visto que a história já traz temas pesados como o Holocausto, por exemplo, sentiu-se a necessidade, de alguma forma, “balancear” essa equação, trazendo representações de caráter mais “leve”, que permitissem que o leitor “embarcasse” no romance que tem seu percurso desenvolvido durante a história juntamente com os dados coletivos.

Acredito que os dados históricos por si só representam a realidade e os obstáculos pelos quais passaram os personagens do livro. O objetivo das ilustrações era reforçar o caráter lúdico da história, através do envolvimento entre leitor e personagem – permitindo que o primeiro dê características próprias, com as quais se identifique aos objetos da leitura.

As fotos também, quando inseridas em meio ao texto, interrompem a leitura e interrompem o fluxo do texto, o que não era a intenção do projeto de *O Reverso*.

Os capítulos não cronológicos

Visto que não se trata de uma biografia, o texto de *O Reverso*, apesar de se basear na trajetória de uma personagem principal, foca-se apenas nos pontos de tensão da vida da personagem: o Holocausto, a vida no comunismo e sua fuga e, por fim, sua adaptação ao novo país, o Brasil.

Dessa maneira, não sentiu-se a necessidade de seguir uma narrativa linear – pelo contrário, acredito que a quebra da linearidade é um dos aspectos que atrai a atenção do leitor para que este permaneça interessado na história.

Ainda que possa haver um estranhamento no início de cada capítulo, a construção do texto busca logo situar o leitor sobre o ano em que a cena se passa.

Os capítulos foram nomeados a partir de frases e palavras que estão na obra Budapeste de Chico Buarque. Por seu caráter lúdico e abordagem “poética” que faz do idioma húngaro, julguei adequado que houvesse referência entre uma obra e outra. Além disso, essa foi a maneira encontrada para dar unidade aos nomes escolhidos.

Projeto Gráfico

As características gráficas do produto foram escolhidas de maneira a permitir que o livro, dada a sua desconstrução temporal, apareça organizado ante os olhos do leitor. Dessa maneira, optou-se por dividir o texto em três eixos temáticos com divisões bastante claras, que ocupam duas páginas cada uma.

A ilustração que antecede cada capítulo é um retrato da personagem principal no período histórico representado: no primeiro capítulo, a matrioska, boneca tradicional russa, visa simbolizar os húngaros como fantoches dos russos no período comunista – por isso a boneca que representa Eva está trajada como uma russa.

Já no segundo capítulo o avental aparece como traje tradicional húngaro – é o traje que se costuma usar para dançar o csárdas, dança típica do país. Ele aparece como representação do período pré-soviético, buscando retratar uma identidade que era própria dos húngaros antes do domínio vermelho.

Por fim, no último capítulo, as havaianas representam a vida no Brasil, mas ainda com traços de Hungria, não à toa, as duas bandeiras aparecem representadas no calçado.

Nome e Capa

Significado de Reverso: s.m. O lado oposto ao lado principal, ou àquele que primeiro se observa ou considera: o reverso da moeda (por opos. a anverso da moeda). Conjunto de circunstâncias de caráter contrário ao que se espera, ou se analisa: o reverso da questão.

O nome escolhido para o livro busca representar, de forma reduzida, sua intenção: mostrar o outro lado de uma história que já é conhecida. O reverso, portanto, traduz a

proposta de analisar uma história sobre a qual algumas obras já foram escritas, mas por um ponto de vista através do qual a situação não havia sido observada antes.

O design da capa teve origem no desenho da matrioska, que está relacionado com os dramas retratados em boa parte do livro – além da vivência narrada no primeiro capítulo, a situação também foi a causa da imigração, que aparece no terceiro. A partir da representação da manipulação russa sobre os húngaros feita como base no rosto de Eva, buscou-se mostrar que ela é apenas uma metonímia, uma parte que representa o todo e, por isso, existem muitas iguais a ela. No caso, estas seriam as demais bonecas que aparecem na figura.

As cores são da bandeira húngara (vermelho, branco e verde), e o buraco no meio (círculo preto, onde está o título) representa o buraco feito pelos revolucionários durante a revolução de 1956 (episódio que é retratado no primeiro capítulo do livro), que arrancaram a foice e o martelo (símbolos comunistas) que os russos haviam colocado na bandeira de seu país.

Personagens

Li alguns livros que se assemelhavam à proposta de *O Reverso* antes de iniciar a escrita do mesmo e algo sempre me incomodou – o grande número de personagens. Não bastasse o drama histórico-familiar, essas histórias vindas do leste europeu são recheadas de nomes complicadíssimos! Fica difícil se situar: quem mesmo aquele tio?

Por isso, durante a escrita, optei por revelar apenas os nomes “essenciais” para o desenvolvimento da história. O primeiro marido de Suzana, por exemplo, é citado como “O Pretendente”, visando, assim, facilitar a compreensão do leitor.

6.5. Considerações finais sobre o processo de elaboração do trabalho

Uma vez que os primeiros capítulos foram lidos e aprovados por minha mãe e avó, foi dado o sinal verde para ir em frente. Perderam-se as amarras da “aprovação” (pelo menos, elas se tornaram bem mais frouxas!).

Dada a relação intensa que tenho com o tema (bem como as outras Matravolgyis que me ajudaram no primeiro processo da escrita), pedi a muitos amigos que lessem o texto e opinassem – ele, de fato, era compreensível?

Por fim, a escrita se tornou algo prazeroso e exigiu um demorado processo de amadurecimento (acredito que tanto pessoal quanto do texto). Uma coisa não mudou – Dona Eva até hoje tem um sotaque carregado e troca o gênero das palavras, apesar de várias décadas de Brasil. Ao invés de corrigi-la, quando ela erra, faço questão de apreciar sua confusão. É, ao mesmo tempo, algo comum e singular.

7. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

CRONOGRAMA										
Descrição das Etapas	Jul/2011	Meses/2012								
		M	A	M	J	J	A	S	O	N
Pesquisa de campo – Budapeste	X									
Estudo história		x	X	x						
Elaboração pré-projeto					x					
Entrevistas Eva							x	x	x	
Entrevistas Comunidade Húngara					x	x	x			
Decupagem entrevistas					x	x	x			
Seleção de documentos							x			
Elaboração texto							x	x	x	x
Edição de texto									x	x
Elaboração projeto gráfico										x
Revisão										x
Elaboração Relatório									x	x

8. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Marco Rodrigo. *Avó, filha e neta contam horror da guerra em Auschwitz*. Folha de São Paulo, São Paulo, 10 de novembro de 2012.

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2007.

_____. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. São Paulo: Globo, 2008.

BERTÉNYI Iván e GYAPAY Gábor, *Modernkori magyar történelem*, Maecenas Könyvek: Budapest, 1995.

BOYNE, John. *O menino do pijama listrado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRUNETEAU, Bernard. Os rituais de uma nova religião. *Revista História Viva*, São Paulo, ano IX nº 102 , págs 48-51, abril de 2012.

BUARQUE, Chico. *Budapeste: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e Literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CLARKE, Isabelle e COSTELLE, Daniel. *Apocalypse: Redescobrimo a Segunda Guerra Mundial*. National Geographic: 2009.

COINTET, Jean-Paul. A irresistível ascensão ao poder. *Revista História Viva*, São Paulo, ano IX nº 102 , págs 44-47, abril de 2012.

COINTET, Michèle. Uma sociedade sufocada pela crise econômica. *Revista História Viva*, São Paulo, ano IX nº 102 , págs 40-43, abril de 2012.

DELGADO, Lucília A.N. *História Oral: memória, tempo, identidades*. São Paulo: Autêntica, 2006.

- FAUSTO, Boris. *Imigração: cortes e continuidades*. In: SCHWARCZ L.M. (org.) & NOVAIS, F. (coord. geral). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 4
- FERREIRA, Marieta Morais, FERNANDES, Tânia M. D., ALBERTI, Verena (org) *História Oral, desafios do século XXI*, São Paulo, Editora Fiocruz, 2000.
- HERSEY, John. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos – o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOÃO DO RIO, *A alma encantadora das Ruas*. Paris: Garnier, 1908.
- KERSAUDY, François. As origens do Antissemitismo. *Revista História Viva*, São Paulo, ano IX nº 102 , págs 38-39, abril de 2012.
- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*, Brasil: Editora Contexto, 2002.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 2ª Ed. Campinas: Editora Unicamp, 1998.
- MONTGOMERY, John F. *Hungria, satélite contra a vontade*. São Paulo: EDUSP/COM-ARTE, 1999.
- MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NEIVA, Paula. *Veja Ed 1851*. São Paulo: Abril, 2004.
- PENA, Felipe. *Seu Adolpho: uma biografia em fractais de Adolpho Block, fundador da revista e da TV manchete*. Rio de Janeiro: Usina de Letras, 2010.
- PESSOA, Lenildo T. *A Revolução Popular*. Caruaru: Livraria e tipografia estudantil, 1966.
- PILLER, Eva. *Pequena história da Hungria*. São Paulo, 2004.
- POPOW, Irene. *Adeus, Stalin!* São Paulo: Objetiva, 2011.

RÓNAY, Paulo. *Antologia do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958.

SALOMON, Marlon. *História, verdade e tempo*. Chapecó, SC: Argos, 2011.

SEBESTYEN, Victor. *Doze Dias: a revolução de 1956 – O levante húngaro contra os soviéticos*. São Paulo: Objetiva, 2006.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a survivor's tale – I – My father bleeds history*. Nova York: Pantheon, 1992.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a survivor's tale – II – And here my troubles began*. Nova York: Pantheon, 1992.

VILAS BOAS, Sérgio. *Biografias e biógrafos – Jornalismo sobre personagens*. Brasil: Summus, 2002.

_____. *Jornalistas Literários – narrativas da vida real por novos autores brasileiros*. São Paulo, Summus, 2007.

VERO, Judith. *Alma estrangeira*. São Paulo: Agora, 2003.

VERRUMO, Marcel. *A ferida* – Trabalho de Conclusão de Curso, Unesp, 2011.

WEINRICH, Arnt. Um soldado chamado Hitler. *Revista História Viva*, São Paulo, ano IX nº 102, págs 34-37, abril de 2012.

YENNE, Bill, *100 homens que mudaram a história do mundo*, / Bill Yene; tradução Roger Maiole. São Paulo, Ediouro, 2004.